

Recebido em 02/08/2022 e aprovado em 5/4/2023

ANÁLISE INTEGRADA DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DOS NÚCLEOS E - F E MACACO, SERRANÓPOLIS, GOIÁS

INTEGRATED ANALYSIS OF THE ARCHAEOLOGICAL SITES OF NÚCLEOS E - F AND MACACO, SERRANÓPOLIS, GOIÁS

Júlio Cezar Rubin de Rubin²

<https://orcid.org/0000-0001-9789-2559>
rubin@pucgoias.edu.br

Jordana Batista Barbosa³

<https://orcid.org/0000-0001-9223-5285>
jordana.batista@hotmail.com

Rosiclér Theodoro da Silva²

<https://orcid.org/0000-0003-0449-1663>
silva.rosicler@gmail.com

Matheus Godoy Pires³

<https://orcid.org/0000-0003-4814-6773>
matheus@pucgoias.edu.br

Sibeli Aparecida Viana²

<https://orcid.org/0000-0001-6609-8192>
sibeli@pucgoias.edu.br

Maira Barberi²

<https://orcid.org/0000-0003-0484-0237>
mairabarberi@pucgoias.edu.br

Flávio César Gomes de Oliveira¹

<https://orcid.org/0009-0006-1154-1605>
flaviocesar@consam.com.br

Fernanda Elisa Costa Paulino Resende²

<https://orcid.org/0000-0002-9496-5414>
fernandaecosta@gmail.com

Claudete Radel⁴

<https://orcid.org/0009-0004-2700-0315>
claudete.radel@gmail.com

12

RESUMO

Serranópolis apresenta diversidade de sítios arqueológicos em abrigos rochosos com ocupações humanas a partir da transição Pleistoceno-Holoceno que se destacam pela cultura material, estratigrafia e cronologias. Este artigo objetiva estabelecer correlações entre sítios dos núcleos E e F, Sítio Macaco e o Rio Verde, abordando lugar persistente e mobilidade. Foram caracterizadas áreas de afloramentos rochosos (AA) e áreas de planícies (AP), e formuladas hipóteses relacionadas aos deslocamentos dos grupos pré-coloniais nas paisagens. Indaga-se: as características dos núcleos E e F e os recursos naturais do Rio Verde foram determinantes para a ocupação humana prolongada?

Palavras chave: Paisagem arqueológica; arqueologia pré-colonial; planalto Central brasileiro.

¹ Discente, Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

² Tempus Arqueologia, Goiás.

³ Docente, Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

⁴ Clam Meio Ambiente, Goiás.



ABSTRACT

Serranópolis presents a diversity of archaeological sites in rock shelters with human occupations from the Pleistocene-Holocene transition that stand out for their material culture, stratigraphy and chronologies. This article aims to establish correlations between sites of nuclei E and F, Macaco Site and Verde River, addressing persistent place and mobility. Areas of rocky outcrops (AA) and areas of plains (AP) were characterized, and hypotheses related to the displacements of pre-colonial groups in the landscapes were formulated. One wonders: were the characteristics of nuclei E and F and the natural resources of Verde River decisive for prolonged human occupation?

Keywords: Archaeological landscape; pre-colonial archaeology; brazilian Central plateau.

CONTEXTO DA PESQUISA

O patrimônio arqueológico presente no município de Serranópolis, localizado na região sudoeste do estado de Goiás, Brasil, caracteriza-se por um conjunto de sítios em abrigos onde se destacam os materiais líticos, cerâmicos, ósseos, vegetais, além de representações rupestres, estruturas funerárias. Sítios dessa região apresentam cronologias de ocupação recuadas, transição Pleistoceno-Holoceno. De acordo com Schmitz *et al.* (1989), registraram-se 43 sítios arqueológicos, dos quais 27 foram estudados e, a partir da dispersão espacial, inseridos em seis núcleos: de A até F. Em Schmitz *et al.* (1989), os conjuntos de sítios denominaram-se por núcleos, em Schmitz *et al.* (2004), a nomenclatura foi alterada para grupos. Neste texto, optou-se por manter o nome núcleo como deferência à primeira obra referenciada.

Este artigo está inserido sob a perspectiva que envolve a integração dos sítios arqueológicos, a ação humana e os processos naturais (Rubin *et al.*, 2016; 2017; 2020; 2022). A inclusão do Sítio Macaco descoberto recentemente, localizado a cerca de 6km e a 4,1km de distância respectivamente dos núcleos E e F e a 70m do Rio Verde, fundamenta-se no fato de ele ser, até o momento, o sítio mais próximo do rio⁵, o que amplia as possibilidades de interpretação acerca das relações entre os grupos pretéritos que ocuparam a região e a paisagem. Os sítios arqueológicos que compõem os núcleos E e F e o Sítio Macaco, estão localizados na porção média-baixa da bacia hidrográfica do Rio Verde, no município de Serranópolis, (Figura 1).

⁵ O registro oficial deste sítio está relacionado aos estudos de impacto ambiental da Usina Hidrelétrica Estrela, com projeto de implantação no Rio Verde nos municípios de Serranópolis e Itarumã, ambos no estado de Goiás (CONSAM, 2019).

Sob essa perspectiva, Resende *et al.* (2019) avaliaram em termos de conservação os sítios dos seguintes núcleos: núcleo A (GO-Ja-01 e GO-Ja-02), núcleo D (GO-Ja-03, GO-Ja-04, GO-Ja-25, GO-Ja-26, GO-Ja-27 e GO-Ja-28) e núcleo E (GO-Ja-13, GO-Ja-13C), bem como, em Resende *et al.* (2021), os sítios do núcleo C (GO-Ja-05, GO-Ja-11A; GO-Ja-11B, GO-Ja-11C, GO-Ja-11D), do núcleo B (GO-Ja-20, GO-Ja-22, GO-Ja-24 e Abrigo do Cachorro) e do núcleo F (GO-Ja-10, GO-Ja-12, GO-Ja-14, GO-Ja-15, GO-Ja-15B).

O objetivo deste artigo é estabelecer correlações entre os sítios dos núcleos E e F, o Sítio Macaco e o Rio Verde, a partir da paisagem onde se inclui esse rio e os demais recursos d'água, buscando investigar acerca de possíveis funções dos sítios pelo seu posicionamento na paisagem e por vestígios de fauna, considerados como recursos alimentares. Nesse contexto, também se discute a reiterada ocupação de certos sítios, a partir do conceito de lugares persistentes e mobilidade dos grupos humanos no território.

14



Figura 1. Localização dos núcleos de sítios arqueológicos cadastrados (CNSA/IPHAN) no município de Serranópolis. Fonte: Oliveira (2022).

Núcleo E

Dos 14 sítios do núcleo E, somente dois foram estudados por Schmitz *et al.* (1989; 2004), GO-Ja-13 e GO-Ja-13c, ambos localizados em abrigos areníticos. O Sítio GO-Ja-13 apresenta 80,5m de comprimento; 12,3m de altura máxima e 2m de altura mínima; profundidade variando de 5,60m a 10m. Ele tem como característica marcante a presença de uma queda d'água, conhecida por Vêu do Muquém, proveniente do córrego homônimo que escoia sobre o teto do abrigo. O teto é baixo e juntamente com a vegetação frontal não permite boa iluminação da área do sítio. As pinturas e gravuras rupestres desse sítio estão nas paredes e no teto.

A estruturação do abrigo está relacionada principalmente à presença de arenito de silicificação heterogênea que, juntamente com planos de fraturamentos e de estratificação, favoreceram a erosão diferencial da rocha e os deslocamentos, condicionantes que se repetem em todos os abrigos dos demais núcleos. O piso apresenta segmentos rochosos e com sedimentos originados da erosão do arenito das paredes e do teto e da ação eólica que transporta sedimentos de montante, a partir de uma erosão no talude que ocasionou a alteração no traçado do Córrego do Muquém (Rubin *et al.*, 2017).

No sítio, foram coletados artefatos arqueológicos líticos, sendo a matéria-prima desses a calcedônia e o quartzito ou arenito silicificado. Dentre os registros arqueológicos encontrados no Sítio GO-Ja-13, destacam-se os raspadores plano-convexos associados à fase Paranaíba⁶. Esse sítio é classificado como lugar de ocupação temporária pela pouca entrada de luz e pela altura do teto (Schmitz *et al.*, 1989; 2004).

O GO-Ja-13c é sítio em abrigo com 23m de abertura, 4m de profundidade e 3m de altura média. Apresenta pinturas rupestres nas paredes e se situa a distância de 100m do Córrego do Muquém. As escavações realizadas alcançaram 2,7m de profundidade, com oito camadas estratigráficas.

⁶ Fase Paranaíba (Tradição Itaparica): representa o período ocupacional mais recuado das ocupações humanas da região sudoeste de Goiás, com datas de 10.740±85 anos A.P. (12.732-12.700 cal.) para o Sítio GO-Ja-14 e 10.580±115 A.P. (12.739 – 12.060 cal.), para o GO-Ja-01. Para esse período, encontraram-se artefatos produzidos em ossos, principalmente espátulas, e artefatos líticos, sendo característicos os instrumentos plano-convexos (lesmas) (Schmitz *et al.*, 1989; 2004).

Foram encontrados três sepultamentos humanos e materiais líticos de quartzito, calcedônia, basalto e quartzo. Análises baseadas na falta de cerâmica e na presença de sepultamentos, consideraram que as ocupações nesse sítio teriam sido também esporádicas (Schmitz *et al.*, 1989; 2004). Entendemos que esse quadro interpretativo poderá ser modificado com as reanálises dos materiais desses sítios, e possíveis escavações futuras.

Núcleo F

O núcleo F é constituído por quatro grandes abrigos: GO-Ja-10, GO-Ja-12, GO-Ja-14 e GO-Ja-15, que se encontram em um mesmo paredão, tendo entrada com abertura média de 58m, profundidade média de 10m e altura máxima variando entre 6m no GO-Ja-15 e 1,2m no GO-Ja-12. Estão localizados em um afloramento de arenito, com distância aproximada de 100m um do outro. A paisagem desse núcleo não difere da encontrada nos outros sítios dessa região. Nos arredores dos abrigos, prevalece uma chapada com vegetação de Cerradão, enquanto na encosta a mata fechada predomina sobre o basalto, típicas do bioma Cerrado. Também apresenta como característica a proximidade ao Córrego do Urubu, situado 500m a oeste, e ao Rio Verde, localizado a 1,5km ao sul dos referidos sítios (Schmitz *et al.*, 2004).

Nos sítios desse núcleo, foram encontrados material lítico, quatro sepultamentos de humanos, restos faunísticos, gravuras e pinturas rupestres. O sítio de maior destaque com relação à quantidade e à variedade de material arqueológico é o GO-Ja-14, datado em cerca de 10.740 ± 85 A.P. (12.732-12.700 cal., ver RUBIN *et al.*, 2020) no qual evidenciaram-se objetos líticos da fase Paranaíba e alguns poucos da fase Serranópolis⁷, além de dois sepultamentos humanos. Esse sítio apresenta 73m de largura, 6m de profundidade e altura média de 3m. A 100m ao sul, mais próximo ao Rio Verde, está o GO-Ja-15 com 66m de largura, 13m de profundidade e altura média de 2,5m (Schmitz *et al.*, 1989; 2004).

⁷ Fase Serranópolis (Tradição Serranópolis): sucede a fase Paranaíba entre 8.500 anos A.P. e 2.000 anos A.P. Caracteriza-se pela coleta de moluscos, ainda com caça generalizada e maior variabilidade lítica principalmente lascas, presença de anzóis e artefatos a partir de carapaças de moluscos (Schmitz *et al.*, 2004).

Dos demais sítios, somente o GO-Ja-12 apresenta cultura material das fases Jataí⁸ e Serranópolis¹². Devido à baixa ou à quase inexistência de materiais arqueológicos nos sítios GO-Ja-10, GO-Ja-12 e GO-Ja-15, Schmitz *et al.* (2004) sugerem que o centro do povoamento desse núcleo poderia ter sido o Sítio GO-Ja-14, possivelmente em conjunto com o GO-Ja-15, em função das dimensões. Mencionam também que, dadas as características físicas da região, como baixa densidade de drenagens e material arqueológico nos demais sítios, ocupações em tais sítios teriam sido ocasionais.

Do ponto de vista da preservação, destaca-se que sítios desse núcleo, diferentemente dos sítios do outro núcleo, exibem cobertura nas paredes, possivelmente fúngicas, que abrangem as áreas externas e abrigadas. Isso é preocupante, pois elas avançam sobre as representações rupestres. Também se observou que a microfauna, tanto nativa quanto invasora, abundante em todos os outros núcleos, está ausente nesse conjunto de sítios.

Sítio Macaco

O Sítio Macaco está localizado em abrigo de arenito a 70m do Rio Verde, com desnível de 7m em relação ao canal fluvial, apresentando em seu interior um painel com pinturas rupestres.

O abrigo (Figuras 2 e 3) ocupa a área de 144,5m², estando isolado em uma zona de contato entre basaltos da Formação Serra Geral e arenitos da Formação Adamantina, com potencial de informações significativas para a arqueologia, uma vez que pelas dimensões e pela localização pode ter sido um acampamento temporário, talvez associado à pesca no segmento retilíneo atual do Rio Verde e por sua posição estratégica. Tais hipóteses cabem ser aprofundadas com a escavação do sítio (Oliveira; Silva, 2021a), podendo indicar informações quanto à disponibilidade de recursos alimentares aos grupos pré-coloniais.

Sob a perspectiva da espeleologia, o abrigo onde se encontra o Sítio Macaco caracteriza-se em feição natural pseudocárstica, com mata ciliar na margem direita do Rio Verde, localizado em um

⁸ Fase Jataí (Tradição Una): entre aproximadamente 1.500 anos A.P. e início do período colonial. Ceramistas com agricultura incipiente mantiveram a caça e a coleta de moluscos. Presença de instrumentos em madeira e artefatos líticos (Schmitz *et al.*, 2004).

afloramento rochoso de composição arenítica pertencente à Formação Adamantina que forma um lajedo de aproximadamente 0,57ha na parte superior do abrigo e da encosta. Conceitualmente, devido às dimensões e às particularidades, a feição espeleológica diagnosticada mostra uma reentrância com cerca de 17m de extensão lateral, 3,9m de altura na entrada e 8,5m de desenvolvimento linear (DL). A vegetação na área do sítio mostra-se impactada por ações humanas atuais e pretéritas. Ressalta-se que, em função de a vegetação estar relativamente bem preservada na margem esquerda do Rio Verde e nas áreas a montante da margem direita, têm se mantido corredores e nichos para a fauna local e regional (Oliveira; Silva, 2021a).

Pesquisadores como Oliveira e Silva (2021a) destacam que a área de contribuição do sítio arqueológico delimitada pelos interflúvios, mesmo princípio de bacias hidrográficas, apresenta modificações em função da exploração pela pecuária. As características pedológicas, Neossolo Quartzarênico atualmente exposto, favorecem o surgimento de processos erosivos e arenização que avançam no sentido do sítio. A condição do solo arenoso exposto pode acelerar os impactos sobre as representações rupestres por meio da ação eólica pelo atrito dos grãos de quartzo.

18

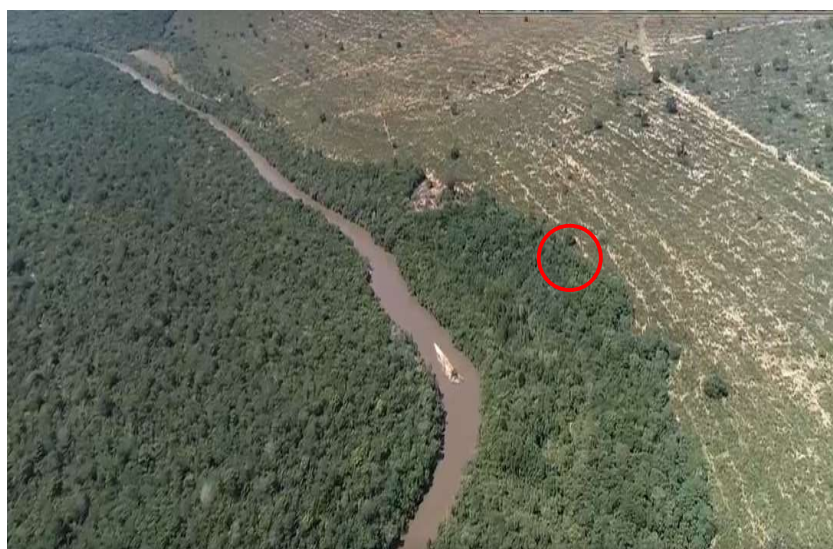


Figura 2. Vista aérea do Sítio Macaco (em vermelho) e solo exposto pela ação humana na margem direita do Rio Verde. Fonte: Oliveira e Silva (2021a).



Figura 3. Detalhe de parte do abrigo do Sítio Macaco. Fonte: Oliveira (2022).

De acordo com Oliveira e Silva (2021a), não se identificaram outros painéis e/ou pinturas rupestres no entorno do Sítio Macaco. Também não se encontraram vestígios arqueológicos em superfície, nem mesmo elementos na paisagem que indicassem outras ocorrências arqueológicas.

Isnardis (2019: 405), baseando nos dados de Schmitz *et al.* (2004), reforça o caráter funcional e de integração dos diferentes sítios em abrigos como “[...] centro residual e principal espaço abordável de vivência”. Em perspectiva mais ampla, o autor relaciona os contextos de Serranópolis, Serra da Capivara e os sítios do norte mineiro, de temporalidade semelhante, como áreas onde os sítios em abrigos teriam destaque preponderante, considerando a escassez de sítios desvinculados dos abrigos. Não obstante, o contexto de Serranópolis contribui para a revisão dessa perspectiva, tendo em vista a identificação, principalmente a partir de 1990, de sítios em áreas abertas, possibilitando atestar vinculações entre eles (Martins, 2011).

A inserção do Sítio Macaco no contexto arqueológico da área, ainda que menos visível e destacado dos núcleos E e F, resulta na oportunidade de discutir um pouco mais sobre os deslocamentos das populações pré-coloniais que ocuparam a área, além de implicações relacionadas aos impactos decorrentes de processos naturais e da ação humana, fato já considerado por Schmitz *et al.* (2004).

MATERIAL E MÉTODOS

Este artigo parte dos resultados das pesquisas desenvolvidas por Schmitz *et al.* (1989; 2004), Rubin *et al.* (2016; 2017; 2020; 2022), Resende *et al.* (2019; 2021), Oliveira e Silva (2021a; 2021b) e Oliveira (2022). Sua elaboração se deu em três etapas.

Na primeira, em gabinete, foram definidos objetivos, delimitação da área de pesquisa e análise das imagens de satélite disponibilizadas pelo *Google Earth*, fundamental para a abordagem utilizada, uma vez que possibilitou caracterizar a área dos afloramentos rochosos (AA), onde estão os sítios/abrigos, em morros testemunhos de arenitos das formações Botucatu e Adamantina (relevo residual) e as áreas de planícies (AP) em que se localiza a planície de inundação do Rio Verde, com lagos e feições indicativas de migração do canal. Também se usaram mapas temáticos de geologia, pedologia e hidrografia.

As APs foram subdivididas em Planície 1 (P1) e Planície 2 (P2), de acordo com o posicionamento delas em relação aos núcleos E e F. As distâncias dos sítios em direção ao Rio Verde variam entre 0,7km e 1,7km.

A área de pesquisa não foi definida por uma poligonal ou por um quantitativo em km² ou hectares, mas pelas paisagens ou características naturais de AA e AP, a fim de evitar o estabelecimento de limite ou qualquer correlação com deslocamentos ou limite territorial dos grupos humanos. Nessa etapa, também se analisaram os resultados das pesquisas publicadas por Schmitz *et al.* (1989; 2004), quanto aos elementos da fauna resultantes da escavação do Sítio GO-Ja-14.

Na segunda, em campo, realizaram-se caminhamentos nas AA e AP visando complementar a caracterização dos sítios arqueológicos e ampliar os resultados obtidos em gabinete, com o registro

fotográfico, a confecção de croquis, perfis topográficos e estratigráficos, a análise da compartimentação da paisagem e as discussões *in loco* sobre as duas unidades.

Na terceira, novamente em gabinete, os dados e as informações obtidos na primeira etapa e na de campo foram analisados e interpretados sob a perspectiva dos objetivos estabelecidos.

Estruturação da Paisagem

Na estruturação da paisagem, destacam-se a geologia, algumas características do relevo e as principais classes de solos. Os abrigos dos sítios arqueológicos dos núcleos de A até E estão inseridos basicamente no contato entre os basaltos da Formação Serra Geral e os arenitos da Formação Botucatu. Por outro lado, os abrigos do núcleo F e o Sítio Macaco, de acordo com Oliveira e Silva (2021b), estão em região de contato entre os basaltos mencionados e os arenitos da Formação Adamantina. As características ou as propriedades dos arenitos produziram contextos distintos, especialmente pelo fato de que os arenitos da Formação Adamantina são mais facilmente erodidos, resultando em duas áreas com características geológicas e geomorfológicas específicas e diferenciadas (Figura 4).

21

A área onde se encontram os sítios do núcleo A qualifica-se basicamente por um relevo escalonado com talude bem desenvolvido na forma de paredão, contendo dezenas de abrigos, dos quais quatro foram ocupados por grupos pré-coloniais (GO-Ja-01, GO-Ja-02, GO-Ja-08 e GO-Ja-08a). O segmento entre os núcleos B e F caracteriza-se pela concentração de morros testemunhos. A partir do Núcleo F, incluindo o Sítio Macaco, os morros testemunhos são menos frequentes e mais isolados. Nessa região, identificaram-se vários sítios a céu aberto (Consam, 2019), o que se mantém a jusante do Rio Verde, e para nordeste na bacia do Rio Corrente, paralela à bacia do Rio Verde.

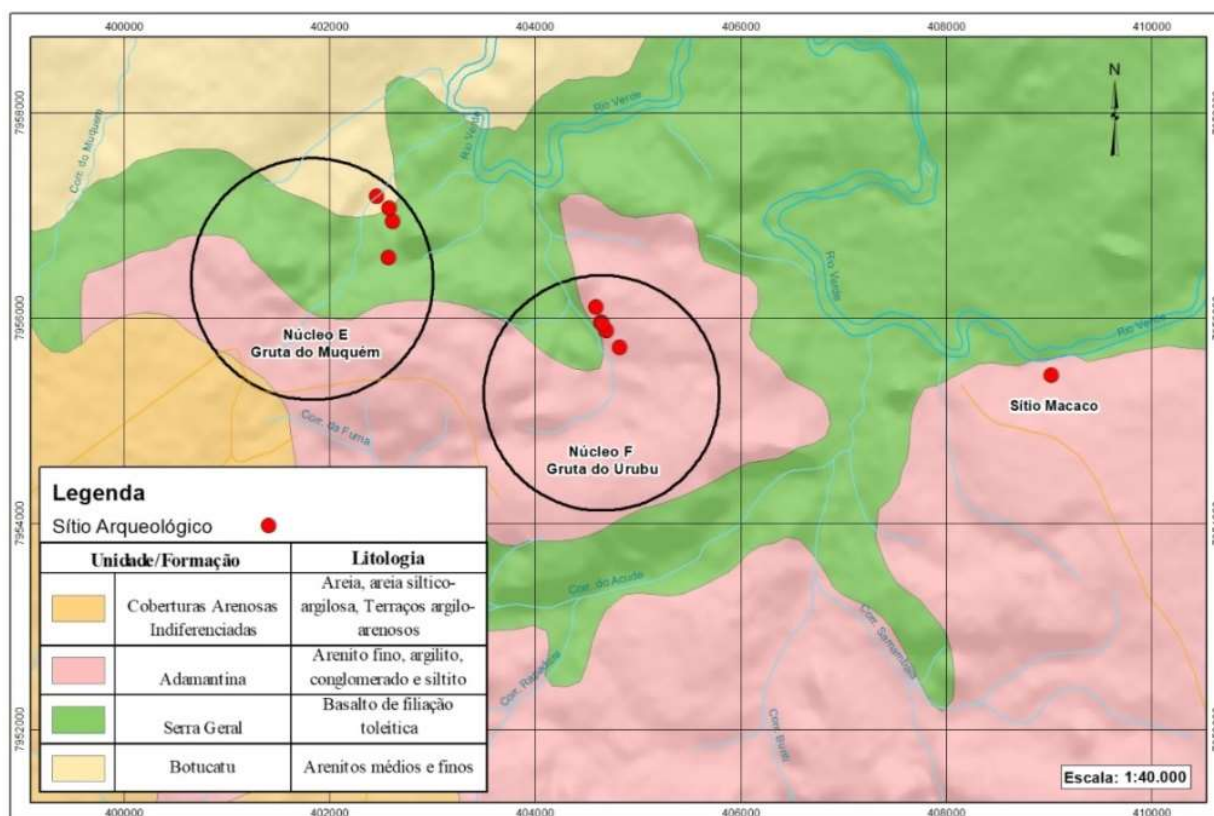


Figura 4. Contexto geológico da área de estudo. Fonte: Oliveira (2022), modificado de CPRM (2010).

Na região, predominam os Latossolos e Nossolos quartzarênicos resultantes da pedogenização respectivamente dos basaltos e arenitos (Scopel, 2005). As áreas com Latossolos são as mais utilizadas pelas atividades agrícolas enquanto aquelas com Neossolos quartzarênicos, pela pecuária. As atividades podem impactar os sítios arqueológicos, conforme discutido por Rubin *et al.* (2016; 2017).

Como já mencionado, a área do presente estudo abrange os sítios dos núcleos E e F, Sítio Macaco, incluindo AA e AP. A diversidade e a densidade de cultural material, nas quais se incluem as representações rupestres e as cronologias das ocupações, sugerem a intensa conectividade entre humanos e paisagem na região, o que pode ser ampliado, ainda que considerando as especificidades

de cada área, para os demais núcleos e as bacias hidrográficas vizinhas, referentes aos rios Corrente e Claro.

A respeito da ampliação mencionada, cabe recordar que de acordo com Schmitz *et al.* (1989; 2004), registraram-se 14 sítios arqueológicos no núcleo E, sendo apenas dois estudados (GO-Ja-13 e GO-Ja-13c), e cinco no núcleo F. Os sítios mais próximos entre os dois núcleos são o GO-Ja-13c (núcleo E) e o GO-Ja-15a (núcleo F), com cerca de 2km, e os mais distantes: sítios GO-Ja-13 e GO-Ja-10 localizado, aproximadamente 2,8km (Figura 5).



Figura 5. Área de estudo, núcleos E e F com os sítios arqueológicos e Sítio Macaco.
Fonte: Oliveira (2022).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na área de pesquisa, o canal do Rio Verde apresenta comprimento de 27,6km e índice de sinuosidade (i.s.) de 2,0, a partir da relação entre comprimento do canal e do vale, correspondente a um padrão meandrante. Os principais segmentos retilíneos do canal fluvial estão nas partes inicial

e final da área, com i.s. respectivamente de 1,3 e 1,1 e outro frontal ao Sítio Macaco com i.s. de 1.1. Os segmentos meandantes se destacam entre os núcleos E e F com i.s. de 2,1 e a jusante do Sítio Macaco, distante aproximadamente 1,5km, com i.s. de 1,7, os quais agregam características amplamente discutidas na bibliografia específica de sistemas fluviais, como Miall (1981) e Stevaux e Latrubesse (2017).

Para a discussão proposta, os dois segmentos são importantes. O canal retilíneo é simétrico, em que as margens são relativamente semelhantes e a velocidade da corrente geralmente tem pouca variação. Já o canal meandrante é assimétrico, com uma margem convexa (erosiva) e outra côncava (deposicional) e com registros de intensa migração do canal na planície de inundação, resultando em algumas particularidades que podem ser associadas à ocupação humana como o acesso ao rio mais propício pela margem côncava e pelo fato de que na planície ocorrem lagos e paleocanais.

A Figura 6 mostra os sítios arqueológicos discutidos e algumas feições associadas ao Rio Verde na área de pesquisa, como planície de inundação entre os núcleos E e F e Sítio Macaco, Planície 1 (P1) com aproximadamente 7km², e outra a jusante do Sítio Macaco, Planície 2 (P2), com cerca de 6km² incluindo um segmento retilíneo entre elas. A imagem de satélite permite identificar paleocanais nas planícies e dois *oxbow lake* na extremidade leste da P2.

Os dois *oxbow lake* mencionados anteriormente estão em segmento cujo i.s. está no limite entre canal meandrante e retilíneo. Entretanto, os paleocanais da planície de inundação nas duas margens e os dois *oxbow lake* indicam alterações no traçado do canal ao longo do tempo, sendo classificado como um segmento meandrante (Figura 6).

As P1 e P2 se destacam na paisagem, com pouca variação na altitude, o que teria favorecido os deslocamentos humanos, principalmente nos períodos em que não ocorre o transbordamento do canal. Elas também disponibilizam um conjunto específico de recursos naturais. A P1 é frontal ao núcleo F, mas de fácil acesso a partir do núcleo E. AA se caracteriza basicamente pelas estruturas

rochosas já mencionadas, baixa densidade de drenagem e predomínio de Neossolo Quartzarênico, fauna e flora do bioma Cerrado.

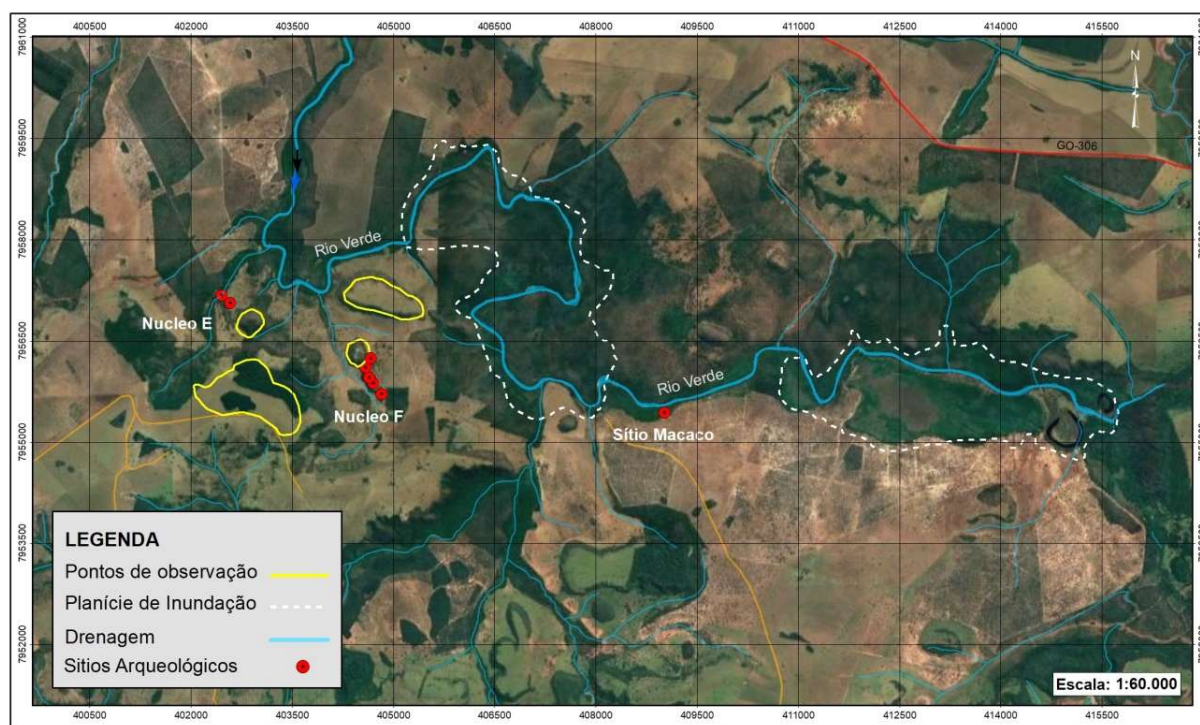


Figura 6. Localização dos núcleos E e F, Sítio Macaco, planícies de inundação, paleocanais e possíveis pontos de observação próximos aos sítios arqueológicos, em decorrência da elevação.

A análise integrada das características de AP e AA aponta a relação em que uma área se destaca pela dinâmica intensa (AP) relacionada à vazão do Rio Verde e outra dinâmica menos intensa (AA), mas ambas dependentes das condições climáticas, mais precisamente das precipitações pluviométricas.

Nesse contexto, insere-se o Sítio Macaco, a jusante dos núcleos E e F. A hipótese de considerá-lo de ocupação temporária está alicerçada nas dimensões e na localização, principalmente pelo fato de o Rio Verde e os demais recursos associados serem, atualmente, favoráveis à pesca. A planície de inundação, por sua vez, além de questões estratégicas relacionadas com subsistência, é propícia à mobilidade para os grupos que ali estavam, uma vez que se trata de uma feição relativamente

plana, mantendo-se seca por pelos menos cinco meses, considerando as condições atuais do bioma Cerrado.

A densidade de sítios, as cronologias das ocupações e a proximidade entre os núcleos E e F permitem aventar a possibilidade de que as características de AA e AP tenham exercido forte influência sobre a mobilidade e a estada dos grupos humanos no território. Até o momento não se evidenciaram sítios arqueológicos pré-coloniais diretamente em P1 e P2. Nesse caso, os grupos humanos teriam à disposição duas áreas ou paisagens complementares, das quais se apropriaram. A favor dessa hipótese, destaca-se a disponibilidade de abrigos rochosos, água, fauna e flora do bioma Cerrado na AA, assim como abundância de água, peixes, fauna, flora específica e matérias primas associadas ao Rio Verde na AP, mesmo com as variações na vazão dos córregos e rio e das precipitações pluviométricas que caracterizam o Cerrado.

Outro quesito quanto à paisagem é as migrações do canal do Rio Verde no segmento meandrante, as quais podem ter sido lentas ou rápidas, condicionadas principalmente pelas precipitações pluviométricas, como citado anteriormente. As alterações do traçado do canal ao longo do tempo modelaram a paisagem, o que pode ter condicionado os grupos humanos a se ajustarem em relação à mobilidade, resultando também em novas fontes de matérias primas e distribuição dos recursos alimentares. Esse contexto faz do Rio Verde um elemento de destaque no processo de ocupação humana na região.

Há algumas colocações sobre o acesso às margens ou ao canal do rio. Considerando os dois segmentos, o meandrante geralmente oferece as melhores condições, por conta da assimetria, via margem côncava. Períodos de alta vazão também são considerados, uma vez que a planície de inundação apresenta mais dificuldade aos deslocamentos humanos quando o canal transborda, proporcionando a ocorrência das áreas alagadas.

Cabe ainda levantar algumas questões em relação ao contexto discutido, entre elas a falta de informações sobre sítios ou evidências de cultura material pré-colonial no segmento meandrante,

o que inicialmente pode ser interpretado assim: as evidências terem sido destruídas ou mascaradas pela dinâmica fluvial, os registros arqueológicos estarem presentes, porém ainda não identificados em virtude da falta de pesquisa, e a ação humana ao longo do tempo as destruiu.

Com base nas discussões desenvolvidas, indaga-se, se o contexto atrativo exposto poderia ter sido objeto de conflito entre os humanos? Nesse caso, caberia também indagar como proteger uma planície de inundação? A figura 7 apresenta um local que poderia ser utilizado como pontos de controle ou vigilância da AP em relação ao núcleo E.

A bacia do Rio Verde se caracteriza por alta biodiversidade, como atestam os estudos de impacto ambiental de projetos de aproveitamento hidrelétrico desse rio (Consam, 2018; 2019), tanto pela diversidade fitofisionômica quanto pela faunística, conforme destacado por Barbosa (2002) e Barbosa *et al.* (2014) ao abordarem a ocupação pré-colonial da região. Para correlacionar ou destacar a utilização dos recursos naturais associados ao Rio Verde com os grupos humanos que ocuparam os sítios, optou-se por analisar os dados referentes à zooarqueologia disponibilizados por Schmitz e equipe.

Não há, entretanto, estudos zooarqueológicos detalhados para os sítios do núcleo E, assim como para a maior parte dos sítios do núcleo F. No núcleo E, apenas o Sítio GO-Ja-13c foi pesquisado, evidenciando ocupação das fases Jataí, Serranópolis e Paranaíba, porém há apenas a menção genérica de ossos, cascas de ovos e conchas de moluscos. Para o núcleo F, entretanto, Schmitz *et al.* (1989; 2004) relatam registros arqueológicos dessa natureza presente no Sítio GO-Ja-14.

Em Schmitz *et al.* (1989), são escassas as informações sobre a zooarqueologia do Sítio GO-Ja-14, revelando apenas vestígios na sessão estratigráfica entre os níveis 5-10cm da escavação na parede A/B, na qual os níveis 5-8cm correspondem à ocupação da fase Serranópolis e os níveis 9 e 10cm, à fase Paranaíba. Apesar disso, algumas evidências são consideradas, tais como, presença importante de moluscos em todos os níveis escavados, com maior abundância na fase Serranópolis comparando-se à fase Paranaíba e à aparente inversão na relação quantitativa moluscos x

vertebrados entre essas duas fases. Esse fenômeno se repete nos registros do GO-Ja-01 e GO-Ja-20 (núcleos A e B respectivamente).

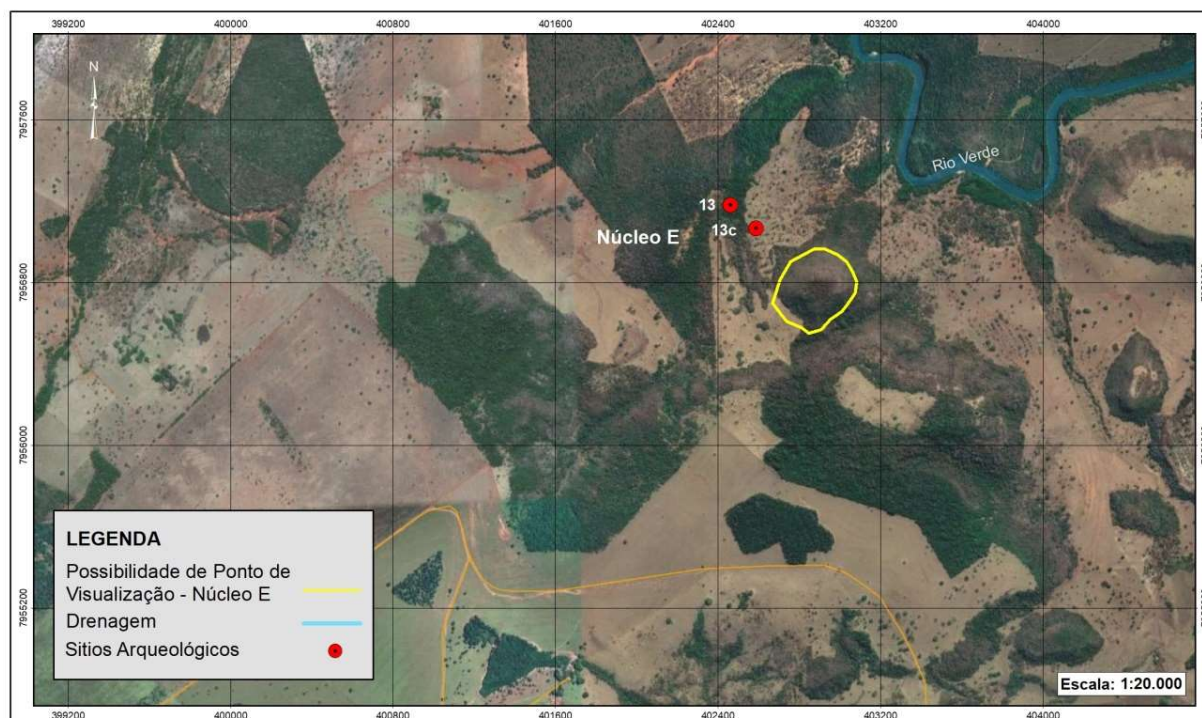


Figura 7. Imagem de satélite com destaque para um possível ponto de observação ou controle próximo ao núcleo E e Rio Verde.

É possível, portanto, que grupos humanos referentes à fase Serranópolis possuísem subsistências alimentares diferenciadas de grupos mais antigos da fase Paranaíba, aparentemente com maior competência cinegética, conforme discutido por Schmitz *et al.* (2004). Dentre a fauna de vertebrados, os Teleostei são raros em todas as camadas, sugerindo captura acidental e oportunística, sendo esses escassos na fase Paranaíba. Em todas as camadas, aves e répteis somados não prevalecem sobre mamíferos, com exceção do início da fase Serranópolis. Possivelmente, houve certa preferência alimentar por mamíferos na fase Paranaíba, embora os dois grupos citados sejam geralmente animais de mais fácil captura. A camada nove apresenta maior presença de aves e répteis que as camadas mais antigas, podendo indicar uma transição ou viés de preservação em decorrência da preservação dos esqueletos mais delicados.

Um avanço importante e revelador surge na contribuição de Rosa (2004, *apud* SCHMITZ *et al.*, 2004), com resultados mais robustos da análise de materiais ósseos de fauna dos sítios GO-Ja-01, GO-Ja-14 e GO-Ja-03. Essa análise, entretanto, é apresentada sistematizada com base nos limites arbitrários dos cortes estratigráficos. Da maneira em que são discutidos, é difícil sintetizar a informação de modo coerente para ser associada à discussão e às conclusões do autor. A partir dos dados recuperáveis da obra original, os resultados foram reorganizados de forma a sistematizar a informação zooarqueológica conforme as fases de ocupação registradas nas camadas (tabelas 1 e 2), enfatizando nos comentários a associação dos clados e espécies relacionados com ambientes aquáticos.

Os resultados produzidos por Rosa (2004, *apud* Schmitz *et al.*, 2004), sistematizados por fase de ocupação, permitem concluir que a fauna representada nas duas fases é bastante semelhante, não evidenciando grandes alterações no clima e no ambiente no lapso de acúmulo do depósito. Adicionalmente, em ambas as fases se percebe um comportamento bastante generalista, com riqueza de espécies, porém sem notável abundância de alguma em particular.

29

O referido autor menciona que, na fase Paranaíba, representada pela totalidade da amostra do corte estratigráfico 1 e níveis 7-10cm do corte 2, os moluscos aparecem apenas no corte 2 (extensão do corte 1 até a parede) e são representados pelos gêneros *Megalobulimus* e *Drymaeus*. *Drymaeus* é caracol mais arborícola, mais abundante, e que suporta melhor as condições mais secas do que *Megalobulimus* sp. Ambos, entretanto, são caramujos terrestres, associados a áreas úmidas, porém bem adaptados para viver no subsolo nos períodos secos, não sendo possível caracterizá-los diretamente a ambiente aquático. Na fase Serranópolis, os moluscos aparecem também apenas no corte 2, sendo mais abundantes nessa fase do que na Paranaíba. Nessa fase, também estão representados os gêneros *Drymaeus* e *Megalobulimus* e um pequeno número de moluscos do gênero *Pomacea*, de água doce, sem ocorrência no ambiente terrestre, e que o fato de os moluscos estarem aparentemente amontoados junto à parede do fundo do abrigo pode ser consequência do consumo e do descarte.

	Táxon	NISP	% NISP	NMI	% NMI
Mollusca	<i>Drymaeus</i> sp.	503	77,03	273	82,23
	<i>Megalobulimus</i> sp.	22	3,37	8	2,41
Teleostei	Teleostei	2	0,31	2	0,60
	cf. <i>Brycon</i> sp.	1	0,15	1	0,30
	Siluriformes	1	0,15	1	0,30
Amphibia	Anura	5	0,77	2	0,60
Reptilia	<i>Caiman</i> sp.	0	0,00	1	0,30
	<i>Ameiva</i> sp.	25	3,83	6	1,81
	<i>Tupinambis</i> sp.	7	1,07	3	0,90
	Testudines	1	0,15	2	0,60
	Ophidia	20	3,06	2	0,60
Aves	<i>Crypturellus</i> sp.	3	0,46	1	0,30
	Picidae	1	0,15	1	0,30
	"Ave pequena"	4	0,61	2	0,60
	"Ave média"	2	0,31	1	0,30
Mammalia	<i>Alouatta caraya</i>	1	0,15	1	0,30
	<i>Cerdocyon thous</i>	1	0,15	1	0,30
	<i>Euphractus sexcinctus</i>	6	0,92	2	0,60
	<i>Ozotocerus bezoarticus</i>	1	0,15	1	0,30
	<i>Tamandua tetradactyla</i>	2	0,31	1	0,30
	<i>Cavia</i> sp.	8	1,23	3	0,90
	<i>Dasyprocta</i> sp.	1	0,15	1	0,30
	<i>Dasyopus</i> sp.	4	0,61	2	0,60
	<i>Didelphis</i> sp.	6	0,92	2	0,60
	<i>Mazama</i> sp.	6	0,92	1	0,30
	Cricetidae	3	0,46	2	0,60
	Echimyidae	13	1,99	5	1,51
	Didelphidae	0	0,00	1	0,30
	Chiroptera	4	0,61	3	0,90
	Σ	653		332	

Tabela 1. Número de espécimes identificados (NISP) e número mínimo de indivíduos (NMI) para os táxons animais registrados para a fase Paranaíba do Sítio GO-Ja-14. Fonte: Schmitz *et al.* (1989; 2004).

	Táxon	NISP	% NISP	NMI	% NMI
Mollusca	<i>Drymaeus</i> sp.	851	84,01	438	85,88
	<i>Megalobulimus</i> sp.	118	11,65	45	8,82
	<i>Pomacea</i> sp.	7	0,69	7	1,37
Teleostei	<i>Teleostei</i>	1	0,10	1	0,20
	<i>Myleinae</i>	1	0,10	1	0,20
	<i>Siluriformes</i>	1	0,10	1	0,20
Amphibia	Anura	1	0,10	1	0,20
Reptilia	<i>Caiman</i> sp.	N	0,00	1	0,20
	<i>Ameiva</i> sp.	9	0,89	3	0,59
	<i>Tupinambis</i> sp.	3	0,30	1	0,20
	Testudines	N	0,00	1	0,20
	Boidae	1	0,10	1	0,20
	Ophidia	6	0,59	1	0,20
Aves	"Ave média"	1	0,10	1	0,20
Mammalia	<i>Alouatta caraya</i>	1	0,10	1	0,20
	<i>Cavia</i> sp.	2	0,20	1	0,20
	<i>Dasyprocta</i> sp.	2	0,20	1	0,20
	<i>Dasyprocta</i> sp.	3	0,30	1	0,20
	<i>Didelphis</i> sp.	1	0,10	1	0,20
	Cervidae	1	0,10	1	0,20
	Echimyidae	3	0,30	1	0,20
	Σ	1013		510	

Tabela 2. Número de espécimes identificados (NISP) e número mínimo de indivíduos para os táxons animais registrados para a fase Serranópolis do Sítio GO-Ja-14. Fonte: Schmitz *et al.* (1989; 2004).

Dentre os Teleostei (peixes), contabilizam-se na fase Paranaíba um espécime identificável, aparentemente do gênero *Brycon*, um espécime de siluriforme e dois de Teleóstéo, cuja determinação precisa não foi possível ao autor. Esses números estão coerentes com a abundância

observada nos mesmos cortes e período para outros vertebrados, e não sugerem esforço, dedicação ou técnica à sua captura, apesar de seu aparecimento na amostra estar relacionado, obrigatoriamente, à sua retirada do ambiente aquático e transporte ao abrigo. Na fase Serranópolis, os peixes estão representados pelos clados Siluriformes (clado dos bagres), Myleinae (clado dos pacus) e Teleostei (clado dos peixes ósseos). De maneira geral, há muito pouco peixe na amostra, não sendo possível afirmar se houve ou não intencionalidade em sua captura, uma vez que diversos outros animais terrestres também apresentam frequências muito baixas (Rosa, 2004, *apud* Schmitz *et al.*, 2004).

São registrados cinco espécimes de Amphibia na fase Paranaíba e na fase Serranópolis estão ainda menos representados, em todos os casos determinados apenas como Anura. Sem determinação taxonômica precisa, fica comprometida a interpretação desse achado uma vez que os anfíbios, salvo raras exceções, dependem de água livre para a oviposição e o desenvolvimento larval, porém apresentam ampla variedade de estratégias reprodutivas como sazonalidade e comportamento. Há desde espécies sem clara estação reprodutiva e com oviposição e desenvolvimento em corpos d'água perenes a espécies que se reproduzem apenas em períodos úmidos e em coleções d'água temporárias, como poças ou interior de bromélias.

A própria biodiversidade de Anura é obstáculo a essa interpretação, pois apesar de rãs serem Anuros fortemente associados a ambientes aquáticos, o mesmo não se pode dizer dos sapos que perambulam por ambientes secos com frequência. Muitos se utilizam da serrapilheira dos ambientes florestados e certamente procuram a umidade dos abrigos em épocas ou circunstâncias mais secas, o que, nesse caso, pode tratar-se inclusive de uma presença circunstancial, não necessariamente ligada à interferência humana.

Os répteis da fase Paranaíba são representados por um espécime indeterminado de Testudines (cágado), 20 espécimes de Ophidia (serpentes), pelos gêneros de lagartos *Ameiva* e *Tupinambis* e de crocodiliano *Cayman* (jacaré). A amostra de répteis da fase Serranópolis é bastante semelhante à da fase Paranaíba. Também há registro de Testudines não identificado, seis espécimes de Ophidia (serpentes), um espécime de Boidae (clado das jiboias, salamantas e sucuris), pelos lagartos dos

gêneros *Ameiva* e *Tupinambis* e de crocodiliano *Cayman*. Dos répteis representados, apenas *Chelonia* e *Cayman* podem ser diretamente associados ao ambiente aquático, e são evidência consistente de transporte ativo ao abrigo. Atenção especial dá-se quanto aos lagartos do gênero *Ameiva*, o mais abundante réptil da amostra em todos os cortes e em ambas as fases. É difícil afirmar, porém, se há alguma preferência em sua captura, uma vez que permanece até os dias atuais sendo espécie abundante na região.

As aves são representadas quase que exclusivamente na fase Paranaíba. Nessa, com exceção de *Crypturellus* (inhambu) e um *Picidae* (pica-pau), os demais vestígios não puderam ser mais acuradamente determinados além do conceito arbitrário de ave pequena e ave média. *Crypturellus* é um gênero de aves terrícolas típica de ambientes florestados e os *Picidae* (pica-paus) são escansores e habitantes do dossel. Dessa forma, não é possível associar nenhuma ave da amostra diretamente ao ambiente aquático. Na fase Serranópolis, as aves são ainda menos abundantes, registrando a amostra de apenas uma ave média, representada por um único espécime ósseo. No panorama, as aves tampouco parecem sobressair como presa preferencial.

33

Os mamíferos da fase Paranaíba estão presentes em ambos os cortes e representados com determinação em nível específico apenas por *Euphractus sexcinctus* (tatu-peba), *Ozotocerus bezoarticus* (veado-campeiro), *Tamandua tetradactyla* (tamanduá-mirim), *Cerdocyon thous* (graxaim-do-mato) e *Alouatta caraya* (bugio-preto). Em nível de gênero, são registrados *Didelphis* (gambás), *Dasypus* (tatus), *Cavia* (preás), *Dasyprocta* (cutias) e *Mazama* (veados-florestais). Demais espécimes se determinam apenas em nível supragenérico como *Didelphidae* (marsupial, clado dos gambás e cuícas), *Chiroptera* (clado dos morcegos), *Cricetidae* (clado dos ratos e camundongos) e *Echymidae* (ratos-de-espinho).

Na fase Serranópolis, a diversidade é semelhante à da fase Paranaíba, com o registro de mamíferos ainda hoje típicos da região. Mas a abundância e a riqueza do registro são menores nessa fase. Com determinação taxonômica completa, temos apenas *Alouatta caraya*. Em nível de gênero, registraram-se *Didelphis*, *Dasypus*, *Cavia* e *Dasyprocta*. Outros espécimes estão apenas em nível

supragenérico como Cervidae e Echimyidae. Não há na amostra nenhum mamífero cujo hábito ou comportamento esteja, de algum modo, associado à água além do fato da necessidade de beber, porém parece haver para ambas as fases alguma predileção por mamíferos. Roedores pequenos e médios, tatus e gambás são bem representados nas duas fases.

À luz desses registros, alguns fatos relativos ao contexto arqueológico são interessantes e conhecidos. Por exemplo, a presença de anzóis de osso para a fase Serranópolis na região, o que sugere investimento nessa tecnologia. Logo, os peixes deveriam estar melhor representados, pelo menos, na amostra dessa fase, o que não se verifica, provavelmente devido à má preservação dos ossos. Também é possível considerar que o consumo de peixes poderia ter ocorrido em outro local, seus restos não se preservaram, seu tamanho diminuto pode ter levado ao seu consumo integral ou a outro fator que escape à nossa compreensão.

As características dos núcleos E e F, o posicionamento estratégico do Sítio Macaco e as informações obtidas nas escavações (Schmitz *et al.*, 1989; 2004), especialmente em relação à dieta alimentar e à caracterização de AA e AP, estruturam o contexto que permite considerar a área de estudo a partir da percepção de utilização de lugares persistentes vinculados à mobilidade humana e aos recursos naturais, conforme proposto nos objetivos.

Em relação a lugares persistentes, Schalanger (1992) estabelece algumas considerações destacando que esses fatores se relacionam ao comportamento humano. Dessa forma a autora estabelece três categorias considerando lugares persistentes, as quais Fagundes (2009:312) sintetizou-as assim: “singularidades ligadas a práticas e a comportamentos culturais, características no ambiente que favoreceram as reocupações e presença de elementos culturais de outras ocupações ou de matérias primas as quais poderiam ser reutilizadas”.

Com isso, nos últimos anos, diversos pesquisadores buscaram compreender o que motivou as populações humanas a se reestabelecerem nos mesmos lugares, projetando neles suas histórias, suas práticas e seus costumes (Zedeño, 2008; Silva; Silva, 2015; Hamilakis, 2016; Viana *et al.*, no prelo). Esses estudos visam entender como esses povos estavam atribuindo significados, se

mobilizando e se estabelecendo, quais eram os motivos e os critérios de escolhas pelos locais considerados fixos, temporários ou até mesmo abandonados (Barnard; Wendrich, 2008; Bowser; Zedeño, 2009; Zedeño; Anderson, 2010).

Para estudar as sociedades humanas é preciso pensar em movimento, uma vez que as comunidades não estavam estáticas (Becker, 1997). Dessa forma, a mobilidade destes povos resulta em uma ocupação territorial, em períodos e lugares específicos, nos quais ocorreram as ações e as relações sociais, o que Santos (2009) chamou quadro da vida, cuja abordagem foi estudada por Sousa (2016).

O território pode ser entendido na perspectiva de Zedeño (2008) a partir do conceito de apropriação que considera a terra, os recursos naturais, as modificações humanas e a territorialidade como resultantes das inter-relações entre ações e emoções humanas e os lugares. Para a autora, ao entender território como objeto de análise que integra dimensões materiais, espaciais e temporais, compreendem-se as sequências de formação, o uso e a transformação dos lugares apropriados. Esse processo é adquirido ao longo do tempo à medida que a sensação de tempo afeta a de lugar (Tuan, 1983).

Desse modo, os lugares onde estão inseridos os sítios arqueológicos se tornaram uma categoria de cultura material em virtude das modificações humanas (Binford, 1982; Zedeño, 2000; Bowser; Zedeño, 2009). O lugar de vivência é onde reside a identidade social, as memórias e as percepções de uma cultura (Hamilakis, 2013) e também os conhecimentos adquiridos e transmitidos (Basso, 1996).

Sendo a vida humana um processo que envolve a passagem do tempo estudada em distintas temporalidades (Ingold, 1993), o testemunho do que resta das vidas que ali um dia habitaram⁹ (Ingold, 2011) gera a construção de um processo social de habitar determinados lugares

⁹ A ideia de habitar neste texto é entendida a partir do termo *dwelling*, discutido por Tim Ingold (1993; 2001), que se refere a uma ideia muito maior do que simplesmente ocupar o espaço como a tradução direta pode ser interpretada, mas de fato viver nele é deixar nele algo de si mesmo.

diretamente relacionados à temporalidade. Dessa forma, a compreensão da paisagem na perspectiva de estudo sobre habitações humanas começa pelo reconhecimento de sua temporalidade (Ingold, 2001), criando um registro do comportamento humano, percepção e cognição (Bowser; Zedeño, 2009).

É certo dizer que as sociedades humanas que ocuparam os núcleos arqueológicos em Serranópolis estavam, cada uma à sua forma e temporalidade, dando significados aos seus territórios pela diversidade de formas de ocupar cada sítio, como pode ser visto pelas representações e matérias em cada um deles (Zedeño, 1997; Zedeño e Anderson, 2010). Assim, as características e variações no comportamento social de habitar de forma intencional ou não, está diretamente relacionado às necessidades e transformação das próprias histórias humanas e seus lugares de habitação dando significados específicos de atividades e pertencimento a cada um deles.

CONSIDERAÇÕES

A partir de Schmitz *et al.* (1989; 2004), estabeleceram-se algumas considerações em relação aos núcleos E e F: a) cultura material encontrada nos sítios se remete a grupos caçadores-coletores das fases Paranaíba e Serranópolis e de agricultores-ceramistas da fase Jataí; b) foram identificados sepultamentos nos sítios GO-Ja-13c (núcleo E) e GO-Ja-14 (núcleo F); c) registrou-se a presença de representações rupestres (pinturas e gravuras); d) observou-se a presença de vestígios culturais em profundidades variando entre 2,7m (GO-Ja-13c - núcleo E) e 0,90m (GO-Ja-15 - núcleo F); e) grupos humanos que ocuparam a área tinham um sistema de subsistência diversificado; f) núcleos E e F e núcleo A são os que apresentam as cronologias mais antigas e as ocupações mais prolongadas por caçadores-coletores e agricultores-ceramistas. Eles localizam-se nas extremidades da área em que se estabeleceram os núcleos por Schmitz *et al.* (1989). Os seis itens mencionados e as considerações interpretadas ao longo do texto permitem novas reflexões e perguntas:

- 1) O fato de os núcleos E e F disponibilizarem abrigos (proteção), matérias-primas, recursos alimentares, água, locais adequados para as representações rupestres teriam sido determinantes para a ocupação prolongada dos grupos humanos?
- 2) O Rio Verde apresenta segmentos com planícies de inundação semelhantes desde o núcleo A, a montante, até os núcleos E e F, a jusante, mas não na mesma intensidade. Isso teria

sido o elemento principal para a permanência continuada nesses lugares, influenciando na questão da mobilidade e do território?

- 3) O Sítio Macaco é resultante de nova forma ou alternativa de apropriação e construção da paisagem em decorrência da disponibilidade do abrigo próximo ao rio?
- 4) As APs próximas aos núcleos A, E e F são semelhantes: canais com segmentos retilíneos e meandantes, amplas planícies de inundação nas duas margens, lagos, canais secundários, tributários, fauna e flora associadas a ambientes aquáticos. Essas variáveis, além da presença de abrigos rochosos nas proximidades, elevariam as condições para as pessoas se manterem nesses lugares?

Sob a perspectiva do *dwelling* discutido por Ingold (1993; 2011), os grupos humanos pré-coloniais não apenas ocuparam o espaço, mas viveram e deixaram registros de suas passagens. Como analisa Criado-Boado (1999), apropriaram e construíram paisagens. Nessa visão, analisar um contexto como dos núcleos E e F, pela proximidade e por características da paisagem ou das paisagens, resulta em uma área adequada para a investigação. Nesse sentido, quanto ao conjunto de informações conhecidas se insere uma nova variável, no caso o Sítio Macaco, diferente dos identificados até o momento na área, mesmo que ainda não pesquisado, torna-se ponto fértil para a geração de hipóteses, isto é, o universo que envolve as discussões revitaliza-se e outras leituras e interpretações são formuladas.

A escavação do Sítio Macaco certamente trará novas informações, mas, por enquanto, apenas abriu caminho para algumas das discussões tratadas neste texto. A paisagem apropriada e construída pelos grupos pré-coloniais que habitaram a região dos núcleos E e F e Sítio Macaco é marcada por compartimentos integrados com disponibilidade de recursos naturais, facilidade de mobilidade e locais estratégicos de vigilância. Esse contexto, alinhado à perspectiva do uso de lugares persistentes, está expresso nos amplos registros arqueológicos e em elementos como gravuras e pinturas rupestres, sepultamentos humanos, oficinas líticas, dentre outros, que atestam de forma vertical (tempo) e horizontal (espaço) a importância dessa paisagem para a ocupação e permanência humana destes grupos na região. Destaca-se que existem relatos de novos registros arqueológicos para a área (Martins, 2011; Resende *et al.* 2019 e 2021), reforçando a necessidade de continuidade das pesquisas e que estas sejam integradas no contexto até agora discutido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, A. S. 2002. Andarilhos da claridade: os primeiros habitantes do cerrado. Goiânia: UCG.

BARBOSA, A. S.; SCHMITZ, P. I.; NETO, A. T.; GOMES, H. 2014. O piar da Juriti Pepena: narrativa ecológica da ocupação humana do cerrado. Goiânia: PUC Goiás.

BARNARD, H.; WENDRICH, W. 2008. The Archaeology of Mobility: Old World and New World Nomadism. Cotsen Institute of Archaeology/University of California, Los Angeles.

BASSO, K. 1996. Wisdom Sits in Places. Landscape and Language among the Western Apache. University of New Mexico Press, Albuquerque.

BECKER, O. M. S. 1997. Mobilidade espacial da população: conceitos, tipologias e contextos. INÁ, E. C et al. (Orgs.). Explorações geográficas: percurso no fim do século. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

BINFORD L. R. 1982. The Archaeology of Place. Journal of Anthropological Archaeology, vol. 1(1), 5-31, mar.

BOWSER, B. J.; ZEDEÑO, M. N. 2009. The Archaeology of Meaningful Places. The University of Utah Press.

CONSAM. 2019. Estudos complementares ao EIA-RIMA da UHE Estrela. Goiânia, GO.

CONSAM. 2018. Estudos complementares ao EIA-RIMA da UHE Estrela. Goiânia, GO.

CPRM - Companhia de Pesquisa e Recursos Minerais. Mapas de Geodiversidade Estaduais. Mapa de Geodiversidade do Estado de Goiás. 2010. <http://www.cprm.gov.br/publique/Gestao-Territorial/Geodiversidade/Mapas-de-Geodiversidade-Estaduais-1339.html>. Acesso em: 10 set. 2021.

CRIADO-BOADO, F. 1999. Del terreno al espacio: planteamientos y perspectivas para la arqueología del paisaje. Capa 6. Número monográfico. Grupo de Investigación en Arqueología del Paisaje. Universidad de Santiago de Compostela. España.

FAGUNDES, M. 2009. O conceito de paisagem em arqueologia – os lugares persistentes. Holos Environment, vol. 9(2), 301-315.

HAMILAKIS, Y. Archaeology and the Senses: Human Experience, Memory, and Affect. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

HAMILAKIS, Y. 2016. Decolonial archaeologies: from ethnoarchaeology to archaeological ethnography. Joukowsky Institute of Archaeology and the Ancient World, Brown University. world archaeology, vol. 48(5), 678-682.

HITCHCOCK, R.K.; BARTRAM, L. L. E. 1998. Social boundaries, technical system, and the use of space and technology in the Kalahari. In: Stark, M. The Archaeology of Social Boundaries. Washington: Smithsonian Institution Press. p. 12-49.

INGOLD, T. 1993. The temporality of the landscape. In: *The Perception of the Environment*, Chapter Eleven. p. 189-208.

INGOLD, T. 2011. *Being Alive. Essays on movement, knowledge and description*. Routledge: Londres.

ISNARDIS, A. 2019. Semelhanças, diferenças e rede de relações na transição Pleistoceno-Holoceno e no Holoceno inicial, no Brasil Central. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, Belém, vol. 14(2), 399-427, maio/ago.

MARTINS, D. C. 2011. *Arqueologia na Sub-Bacia do rio Verde: As Pequenas Centrais Hidrelétricas Taboca e Estrela. Projeto de Salvamento Arqueológico e Plano de Educação Patrimonial*. Goiânia: UFG/MA/LabArq.

MIALL, A. D. 1981. Analysis of fluvial depositional systems. *Am Assoc Petrol Geol Educ Course Notes Ser 2*.

OLIVEIRA, F. C. G.; SILVA, C. C. S. 2021a. Relatório Técnico Arqueológico - Sítio Macaco. CONSAM. Goiânia, GO.

OLIVEIRA, F. C. G.; SILVA, W. V. 2021b. Caracterização e conservação do sítio arqueológico Macaco, Serranópolis, Estado de Goiás. Trabalho de Conclusão de Curso I (Arqueologia) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, GO.

OLIVEIRA, F. C. G. 2022. Caracterização e conservação do sítio arqueológico Macaco, Serranópolis, Estado de Goiás. Trabalho de Conclusão de Curso II (Arqueologia) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, GO.

RESENDE, F. E. C. P.; RUBIN, J. C. R.; BARBERI, M.; PIRES, M. G.; SILVA, S.M.; SOUZA, U. F.; LIMA, E. A. Projeto de conservação das pinturas e gravuras rupestres nos sítios de abrigos de Complexo arqueológico de Serranópolis. *MRS Ambiental*.

RESENDE, F. E. C. P.; FERNANDES, A. B.; RUBIN, J. C. R. DE; BARBERI, M.; BICHUETTE, M. E.; GALLÃO, J. E.; ZEPON, T.; SILVA, S.M.; SOUZA, U. F. 2021. Relatório final das ações emergenciais de conservação das pinturas e gravuras rupestres nos sítios de abrigos do Complexo Arqueológico de Serranópolis-GO, *MRS Estudos Ambientais*, Brasília, 2019.

RUBIN, J. C. R.; BARBERI, M.; PIRES, M. G.; RESENDE, F. E. C. P.; SILVA, R. T.; SILVA, S. M.; RIBEIRO FREITAS, J. E.; RIBEIRO, E. V.; LIMA, E. A. 2022. Sítios arqueológicos do Núcleo B de Serranópolis, Goiás: tipos e intensidades de impactos naturais e antrópicos. *Revista de Arqueologia*, vol. 35(3), 52-68,

RUBIN, J. C. R.; VIANA, S.A.; SILVA, R. T.; BARBERI, M.; RESENDE, F. E.C.P.; RIBEIRO-FREITAS, J.E.; SOUZA, M. G.; RIBEIRO, E. V. 2020. Cazadores-recolectores y el paisaje en Serranópolis, Goiás, Brasil. *Boletín de Arqueología PUC Peru*, 29, 129-158,

RUBIN, J. C. R. R.; CATALANO, F. J. C.; SILVA, R. T.; CORREA, D. S. 2017. Efeitos da erosão em sítios arqueológicos no estado de Goiás: casos de Serranópolis e Palestina de Goiás. *Revista Clio*, vol. 32(1), 37-67.

RUBIN, J. C. R.; SILVA, R. T.; BARBERI, M. 2016. Consideraciones al respecto del contexto arqueológico: Serranópolis, Goiás (Brasil). In: El poblamiento temprano en América 6. Serie: Prehistoria en América. Museo del Deserto. p. 320-328.

SANTOS, M. 2009. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp.

SCHLANGER, S. 1992. Recognizing persistente places in Anasazi settlement systems. In: Rossignol; Wandsnider. Space, time, and archaeological landscape. New York and London, Plenum Press. p. 91-112.

SCHMITZ, P. I.; BARBOSA, A. S.; JACOBUS, A. L.; RIBEIRO, M. B. 1989. Serranópolis I: Arqueologia nos Cerrados do Brasil Central. In: Pesquisas n. 44. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

SCHMITZ, P. I.; ROSA, A. O.; BITENCOURT, A. L. V. 2004. Serranópolis III: Arqueologia nos Cerrados do Brasil Central. In: Pesquisas n. 60, São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

SCOPEL, I.; (coord.). 2005. A formação de areais e seu controle na região de Jataí e Serranópolis, Goiás. Universidade Federal de Goiás - Campus Avançado de Jataí. PROINPE/SECTEC.

SILVA, F. A.; SILVA N. F. 2015. Mobility and territorial occupation of the Asurini do Xingu, Pará, Brazil: an archaeology of the recent past in the Amazon. *Latin American Antiquity*, vol. 26(4), 493-511.

SOUSA, A. A. 2016. Mobilidade e território: subsídios teórico-metodológicos para compreender a mobilidade populacional na geografia. Tese (Doutorado em Geografia) - Unesp.

STEVAUX, J. C.; LATRUBESSE, E. M. 2017. Geomorfologia fluvial. São Paulo: Oficina de Textos. Coleção Geografia.

TUAN, Yi-Fu. 1983. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. 1930. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel.

VIANA, S. A.; RUBIN, J. C. DE RUBIN; HOELTZ, S.; BARBERI, M.; OLIVEIRA, K.; OLIVEIRA, F. Techno-cultural singularities in the southwestern region of the Brazilian Central Plateau in the Early Holocene. No prelo.

ZEDEÑO, M. N., ANDERSON, D. 2010. Agency and politics in hunter-gatherer territory formation. *Revista de Arqueologia Brasileira*, vol. 23(1).

ZEDEÑO, M. N. 1997. Landscapes, land use, and the history of territory formation: an example from Puebloan southwest. *Journal of Archaeological Method and Theory*, vol. 4(1), 63-103,

ZEDEÑO, M. N. 2000. On What People Make of Places - A Behavioral Cartography. In: Schiffer, M. B. (Ed.). *Social Theory in Archaeology*. Salt Lake City, University of Utah Press. p. 97-111.

ZEDEÑO, M. N. 2008. The archaeology of territory and territoriality. In: David, Bruno; Thomas, Julian. *Handbook of Landscape Archaeology*. Left Coast Press, California. p. 210-217.